

PROBLEMAS ATUAIS DA JUTICULTURA AMAZÔNICA¹

LAUDELINO PINTO SOARES² e VIRGÍLIO F. LIBONATI²

Sumário

No presente trabalho os autores procuraram expor os problemas atuais que entravam o desenvolvimento da juticultura amazônica, ressaltando a importância marcante da produção das fibras desta tiliácea como fonte da manutenção do mercado interno brasileiro de matéria prima necessária ao abastecimento do parque nacional de aniagem.

Os problemas considerados, no trabalho em questão, foram: 1) problemas de ordem agrícola, 2) problemas de ordem sócio-econômica.

Procurou-se também, de forma sintética, expor a situação do mercado nacional e as possibilidades de exportação.

Como conclusão, os autores admitem a necessidade urgente e prioritária de se estimular economicamente o juticultor a fim de que se possa posteriormente mostrar que a quantidade e qualidade do produto dependem em grande parte dos problemas culturais e tecnológicos.

INTRODUÇÃO

Desde 1934, quando verificou-se a aclimação da juta da Amazônia, vem esta cultura sofrendo impulsos maiores ao ponto de transformar o Brasil, de sexto importador de fibras para sacaria, em auto-suficiente. A produção da juta amazônica é fato indiscutível, assim como o é a sua influência no desenvolvimento social da região, aliada à influência básica da desenvoltura econômica.

As medidas de ordem governamental, como a criação de Grupo Executivo da Juta, o Decreto número 395 de 21-12-1961 que dispõe sobre a comercialização de sementes de juta e dá outras providências, assim como as fixações de preços mínimos, levam à conclusão da existência de um certo interesse do Governo em desenvolver uma política de assistência à produção de juta, tendo em vista que se torna absolutamente necessário abastecer o parque nacional de aniagem.

É de convir no entanto, que a demanda nacional dessa matéria-prima cresce incessantemente, acusando a indústria de fiação e tecelagem um consumo atual de aproximadamente 60 000 a 80 000 toneladas anuais. Atualmente a produção de juta amazônica vem tendo colocação franca no mercado nacional, graças ao

equilíbrio do desenvolvimento entre produção e consumo. No entanto, quem se detém ante os problemas atuais de produção da juta amazônica é levado a concluir pela necessidade imperiosa de equacioná-los, sem o qual, no referente a Amazônia, ver-se-á contingência de estacionar, ou quiçá mesmo regredir.

POSIÇÃO DO BRASIL NA JUTICULTURA MUNDIAL

Cerca de 95% da produção mundial de juta provém da Índia e do Paquistão. Assim sendo, observa-se que o grosso dessa produção se origina em área geográfica relativamente restrita, com ligeiras variações de clima e solo. Graças a produção de juta amazônica, o Brasil que tempos atrás ocupava o sexto lugar como importador de fibra para sacaria, é atualmente auto-suficiente, ocupando o terceiro lugar entre os países produtores, com aproximadamente 3% da produção mundial.

Até o ano de 1952, o Brasil ainda dependia das importações para atender o seu consumo. Era a juta indiana que complementava a nossa produção para as indústrias poderem beneficiar e abastecer o mercado nacional. A partir de 1953 deixamos de importar e até então, não obstante a procura cada vez mais crescente dos produtos dependentes da fibra (juta), nosso consumo tem se limitado tão somente à nossa produção.

Os Quadros 1 e 2 evidenciam a posição do Brasil no mercado mundial de juta em 1960 e a produção nacional de fibras (juta e malva) destinada à fabricação de sacos de aniagem.

¹ Este trabalho constitui o Boletim Técnico n.º 1 do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (IPEAN) e foi apresentado no Congresso de Agricultura Tropical, organizado pela Estação Experimental de Paramaribo, Guiana Holandesa.

² Eng.º Agrônomo do IPEAN, Belém, Pará.

Segundo estatísticas internacionais, a produção mundial de juta em 1962 foi de, aproximadamente, 2 268 000 toneladas de fibra seca, não havendo qualquer alteração na classificação dos países produtores.

QUADRO 1. Posição do Brasil no mercado mundial de juta 1960^a

Países	Produção (Ton. de fibra seca)
Paquistão.....	816 480
Índia.....	731 480
Brasil.....	48 000
Formosa.....	22 477
Burma.....	10 161
Tailândia.....	3 999
Outros.....	14 668
Total.....	1 646 708

^aDados coligidos de "Foreign Crops and Markets" de novembro de 1961.

QUADRO 2. Produção nacional de fibras (juta e malva) destinada à fabricação de sacos de aniagem

Anos	Produção (Em 1000 toneladas ^a)
1950.....	19
1951.....	32
1952.....	26
1953.....	37
1954.....	37
1955.....	41
1956.....	50
1957.....	50
1958.....	47
1959.....	49
1960.....	57
1961.....	69

^aDados do Inst. Bras. Geogr. e Estatística

CONTRIBUIÇÃO DA AMAZÔNIA PARA A PRODUÇÃO NACIONAL

A produção brasileira de juta e sucedâneos é praticamente, em sua totalidade, proveniente da Amazônia, onde os jaticultores, em aproximadamente 30 anos, lograram o grande feito de aliviar a balança comercial do Brasil do considerável ônus de importação dessas fibras, chegando-se mesmo a falar em saldos exportáveis.

Atualmente apenas dois Estados são produtores de juta no Brasil: Amazonas e Pará, sendo a relação de produção, aproximadamente, 2/1. Dentre os municípios mais produtores citam-se no Estado do Amazonas: Manacapuru, Itacoatiara, Careiro, Parintins, Codajás; e no Estado do Pará: Santarém, Óbidos, Juruti, Alenquer, Oriximiná.

PROBLEMAS AGRÍCOLAS

Síntese do Aspecto Atual da Cultura da Juta na Amazônia

Introdução. A juta (*Corchorus capsularis* L.) foi introduzida no Brasil, no Estado de São Paulo em 1920, recobrando-se de insucessos os plantios então realizados. A surpreendente semelhança entre as

várzeas do Amazonas e as terras de bacia do Ganges, levou os colonos japoneses a tentar sua cultura no município de Parintins, Estado do Amazonas, não tendo oferecido resultados satisfatórios os primeiros plantios experimentais, pois as hastes apresentavam-se de baixo porte, não passando de 1,5 m de altura. A ocorrência de um fenômeno biológico, provavelmente uma mutação, motivou o aparecimento em plantio do Sr. Oyama de dois indivíduos que se sobressaíram as demais pelo porte, assemelhando-se aos ancestrais indianos, tendo sido posteriormente comprovado a hereditariedade de tal caráter. Era o ano de 1934. De então para cá, vem esta cultura sofrendo acréscimos em função do tempo, ao ponto de se constituir, na atualidade, um dos produtos que mais pesa na balança econômica da região.

Variedades Cultivadas. Quatro são as variedades de *C. capsularis* cultivadas na Amazônia, a saber: 1) Solimões (também chamada Bambu), 2) Branca (conhecida ainda pelas denominações Oyama e Verde), 3) Rôxa, 4) Lisa.

A diferenciação entre elas baseia-se em ramificação e coloração das hastes e rugosidade dos frutos.

No referente à produção e qualidade das fibras, nada existe até agora que prove a preferência por esta ou aquela variedade. No tocante à produção de sementes, as três últimas variedades são preferidas, uma vez que a Solimões, ramificando somente na parte superior, tem menor produção.

Operações Culturais. Preparo do terreno. As operações de preparo do terreno são: broca, deruba, queima e encoivamento, as quais são realizadas sem maiores detalhes, sendo que encoivamento é feito de modo a deixar no terreno um certo número de pequenos troncos que serão utilizados como peso aos feixes de haste por ocasião da maceração. Atualmente não se processa o destocamento e tôdas as operações de preparo do terreno são feitas manualmente, utilizando-se como instrumento o terçado, foice e machado.

A época indicada para preparo do terreno para plantio é a que corresponde ao início do verão amazônico (agosto), quando o nível da várzea já se encontra acima do nível fluvial.

Plantio. É realizado a lança ou por meio de semeadeiras manuais conhecidas pela denominação de tico-tico. Atualmente o segundo método é o mais adotado.

No referente à época de plantio deve-se aceitar que a mesma é uma função de local, visto que o êxito da cultura vai depender da coordenação de diversos fatores que sobre ela incidem e que variam de região para região. Supõe-se que a época apropriada vai de fim de outubro, princípio de novembro, quando

se verificam as primeiras chuvas, até dezembro quando já são abundantes. Efetuando-se o semeio nesta época, o corte coincidirá com os meses de março e abril, quando o nível fluvial já se encontra em seu máximo, possibilitando a maceração no próprio local de plantio, evitando a operação de transporte das hastes para o local de maceração.

O espaçamento atualmente adotado é de 30 cm.

Tratos culturais. Os tratos realizados na cultura da juta são desbaste e as capinas. O desbaste é realizado manualmente 20 a 30 dias após o plantio deixando-se atualmente dois ou três pés por cova.

As capinas são realizadas à enxada. Em se tratando de plantio em terrenos anteriormente de mata, a incidência de ervas daninhas é pequena de modo que, em geral, uma capina é suficiente. Em terrenos anteriormente de capoeira ou onde já foi feito outro cultivo, o número de capinas é maior, variando de dois a três.

Inimigos naturais. Inúmeros inimigos naturais possui a juta. No entanto, até agora na Amazônia, nenhum existe com capacidade de causar danos economicamente considerável à cultura.

Corte das hastes. O corte das hastes se inicia entre floração e a frutificação, pois a fibra colhida nessa época apresenta tôdas as características de boa qualidade, assim como é de fácil separação da casca, ao contrário da colheita realizada quando os frutos já estão maduros ou secos, o que muitas vezes se verifica na atualidade.

Na operação de corte, o terçado e a foice ainda são instrumentos empregados, efetuando o corte a uma altura aproximada de 20 cm do solo a fim de eliminar o pé da fibra que é de difícil maceração, industrialmente imprestável e que constitui fator de desvalorização da fibra.

Extração da fibra. Processa-se atualmente pela maceração biológica que consiste em submeter o material a fermentação em água. As hastes, uma vez cortadas, são reunidas em feixes de 20 a 30, colocados sobre jangadas e imediatamente mergulhados se o corte foi realizado em terreno já inundado, colocando-se por cima os paus que ficaram no roçado por ocasião do encoivramento, a fim de impedir que os feixes flutuem. Quando em anos excepcionais o rio não inunda suficientemente a várzea, torna-se necessário transportar os feixes para locais de maceração que, geralmente, são clareiras abertas na vegetação ribeirinha constituída de gramíneas. Esta operação acarretará acréscimo de despesas, bastando dizer ser a relação "fibra seca material verde" de 5/100.

Desde que se constate maceração suficiente, o que se reconhece pelo desprendimento natural das

fibras e remoção fácil das mucilagens, procede-se a extração das fibras. Muitas vezes esta operação é retardada e o prosseguimento do fenômeno de fermentação ocasiona um decréscimo da resistência da fibra.

As fibras, uma vez destacadas das hastes e lavadas, são colocadas para secar ao sol, estendendo-se em varais próximos do local de maceração.

Enfardamento. Depois de secas, as fibras são enfardadas manualmente para serem levadas aos compradores a fim de, depois de classificadas, serem submetidas a prensagem.

Em geral os municípios produtores possuem uma ou mais prensas. A mais encontrada é a Prensa Hidráulica Piratininga, de fabricação nacional, com capacidade de prensar 80 fardos diários de 200 quilos.

Produção por área. Considerando-se o espaçamento atualmente adotado de 0,30 m x 0,30 m entre plantas de modo a que cada uma explore 900 centímetros quadrados do solo, obtem-se uma produção média de 1 500 kg de fibras secas por hectare. É provável que uma simples redução do espaçamento de plantio poderá aumentar a produção por área sem aumentos sensíveis de despesas, tornando mais rendosa a cultura.

No tocante a influência da fertilidade do solo na produção esperada por área, tem-se observado que cultivos efetuados até 3 vezes no mesmo local não apresentaram decréscimo sensível de produção, o que é plenamente justificável tendo em vista o reabastecimento natural de substâncias mineerais e orgânicas através da sedimentação de partículas em suspensão nas águas barrentas que invadem as várzeas anualmente.

ESBÔÇO DO EQUACIONAMENTO DO PROBLEMA AGRÍCOLA

A tendência ascensional da produção da juta amazônica é caso verídico. No entanto, o acréscimo verifica-se apenas como consequência do aumento da área cultivada, já que as estatísticas demonstram a constância de produção por área que é de aproximadamente 1 500 kg/ha. Se a política da produção da juta deve ser orientada no sentido de que a Amazônia, acompanhando o ritmo do desenvolvimento da demanda, continue a abastecer o mercado internacional, torna-se necessário, quanto antes, cogitar-se da melhoria da produtividade de fibras de melhor qualidade e de mais baixo preço de custo. Daí a necessidade imperiosa da racionalização dos métodos atuais de cultivo e beneficiamento.

Sentindo o problema, o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Norte (IPEAN), lançou-se ao estudo do mesmo, chegando à conclusão

de que seu equacionamento deve ser norteado no sentido:

1. Obtenção de maior produção por área através do acréscimo da produtividade individual e determinação de melhor espaçamento.
2. Obtenção de fibra de melhor qualidade e diminuição do preço de custo, pela racionalização dos métodos de cultura e beneficiamento.
3. Obtenção de sementes selecionadas para distribuição.

Para conseguir os objetivos destes três itens, foi programado o seguinte plano de pesquisas:

1. Pesquisas de caráter genético visando o melhoramento da planta em si, pela obtenção de linhagens ou híbridos de alta produção de fibras resistentes a doença e pragas e de qualidades tecnológicas comprovadas.

2. Resolução, através da experimentação, dos problemas de ordem que afetam a produção e a qualidade da fibra, dentre as quais destacam-se, como de caráter imediato: a) densidade de plantio para produção de fibras, b) densidade de plantio para produção de sementes, c) épocas de plantio, d) épocas do corte.

3. Pesquisas de caráter tecnológico, visando a resolução dos problemas de preparo da fibra, destacando-se entre outras, como de caráter imediato: a) pesquisas sobre o tempo de duração do processo de maceração, b) pesquisas sobre a natureza da água onde se processa a maceração, c) estudos das qualidades físico-químicas e físico-mecânicas das fibras, d) pesquisas sobre as possibilidades de emprêgo de processo de descortimento mecânico.

Cumpre-nos esclarecer que para o cumprimento do programa acima mencionado já foram tomadas uma série de providências a saber:

1) Criação e instalação de Estação Experimental de Manaus, tendo como finalidade prioritária a execução de trabalhos experimentais com jiticultura.

2) Planejamento e instalação de um experimento de espaçamento para produção de fibras, nas Estações Experimentais de Manaus e Baixo Amazonas, cuja primeira repetição no tempo foi efetuada no primeiro semestre do presente ano, estando os dados de colheita em análise.

3) Seleção genealógica nas variedades cultivadas, iniciadas em 1960, encontrando-se em franco desenvolvimento.

4) Produção e distribuição de sementes selecionadas, que vêm sendo feitas desde o ano de 1948, anualmente acrescidas, tendo-se em 1962 produzido 186 toneladas e distribuído 165 toneladas.

5) Possibilidades do descortimento mecânico, tendo-se para isso realizado testes com o descorteador Baproma tipo 6002, acionado a motor Diesel S.D.-25/D-21.

Como conseqüência desses testes chegou-se a conclusão que a máquina em questão é de grande utilidade e econômica, porém desaconselhável para operar nas condições em que se efetua a cultura da juta na Amazônia.

PROBLEMAS ECONÔMICOS E SOCIAIS

Outros fatores, que não os culturais, concorrem para que a produção da Amazônia ainda não corresponda às possibilidades agrícolas que a Região oferece. Dentre este, podemos destacar: 1) estrutura social dominante na região, 2) falta de assistência financeira, 3) falta de orientação técnica, 4) falta de estímulo econômico.

Analisando cada um dos itens acima, temos:

1) Mesmo nos encontrando em uma região sub-desenvolvida, até o momento apenas teoricamente se elaborou planos para atender as necessidades de nossa população. Com isto, o produtor de fibras vive isoladamente, em condições precárias, quase sempre sem a mínima assistência médico-hospitalar, educacional e, acima de tudo se dedicando a um tipo de empreendimento árduo que reduz em grande parte sua vida útil. A jiticultura, nas condições em que se pratica em nossa região, se ainda apresenta um pequeno lucro, é devido a sua forma de exploração que é feita através da força de trabalho familiar; assim podemos constatar a presença da mulher, filhos quase sempre menores, dando sua parcela de contribuição na produção da juta.

O analfabetismo é predominante nesta área, por falta de escolas, professores e quando essas existem (precariamente) a população em idade escolar se encontra participando diretamente da produção das fibras, sem tempo suficiente para se dedicarem ao ensino.

2) Na maioria das vezes, na cultura da juta, ainda predomina o financiamento ao produtor em termos de aviamento. O financiamento é feito indiretamente ao jiticultor. Alegando que este homem não oferece garantias suficientes para receber o financiamento, procura-se entregar o dinheiro ao comerciante, que por sua vez, servindo de intermediário realiza o sub-financiamento ao jiticultor, que o recebe quase sempre em mercadorias, vestuários, etc., raramente dinheiro, se comprometendo a entregar sua produção de fibras durante a safra. Esse é o tipo de ajuda que não traz nenhum estímulo ao aumento da produção, pois face as necessidades dos bens de subsistência para sobreviver juntamente com a fa-

mília, o juticultor dificilmente consegue obter uma remuneração satisfatória, quase sempre se encontrando em *deficit* com as firmas aviadoras, pois as mercadorias são entregues com o preço de venda acrescido de elevada percentagem ao preço de aquisição pelo comerciante.

3) Excetuando o nosso Órgão, porém com a finalidade de realizar pesquisas, nenhum outro procura se interessar pelo problema, com o objetivo de orientar tecnicamente o produtor de fibras em nossa região. Não há sequer um serviço de extensão operando em nossa área.

4) Considerando os itens acima citados, podemos deduzir que não há qualquer estímulo no sentido de que se aumente a produção e se melhore a qualidade das fibras. Não obstante existir uma classificação para as fibras por tipagem (1, 3, 5, 7, 9 e AP) e que deve ser levado em consideração vários fatores tais como: coloração, comprimento, resistência, pureza, quando da fixação de preços mínimos, tais elementos não são considerados, observando-se que tanto faz o juticultor produzir uma boa como uma má fibra, êle terá sempre a mesma recompensa financeira. Claro está, que não há nenhum esforço para se produzir uma melhor qualidade de fibra.

SUGESTÕES PARA ATENDER O PROBLEMA SÓCIO-ECONÔMICO DA JUTICULTURA AMAZÔNICA

Melhorar a estrutura social da produção. Já nos reportamos das deficiências existentes. Assim, precisamos procurar atender convenientemente o problema que aflige esta mão de obra valiosa e responsável em grande parte por nossa vivência, que é aquela empregada no abastecimento de nossa população e fornecimento de matéria-prima para a nossa indústria-agricultura.

Aprimorar as condições tecnológicas do processo de produção. Procurar atender racionalmente as etapas que mais oneram a nossa produção. Até o momento, não se procurou tecnologicamente, melhorar as condições racionais da cultura da juta em nossa região. A não ser a introdução da máquina de plantar (tico-tico) que evita o maior desperdício de sementes bem como uniformiza, em parte, o plantio, nada mais se faz apesar do IPEAN lutando com uma série de dificuldades, principalmente recursos financeiros, vir através de uma seleção procurando obter uma melhor qualidade de sementes para posterior distribuição ao juticultor.

Atender eficientemente os canais de comercialização da juta. Fazer com que o juticultor se torne

realmente um produtor eficiente, através de assistência técnica e financeira, para que possa realmente entregar seu produto em boas qualidades e apresentando boa rentabilidade, a fim de serem realizados os principais canais de comercialização: compete ao juticultor preparar convenientemente sua fibra para que os demais canais, tais como, transporte, classificação, embalagem, que a fibra ainda deverá passar, até chegar às mãos do consumidor, não se constitua problema para a depreciação do produto.

No problema do financiamento, acredita-se ser necessário que os bancos ampliem um pouco mais seus campos de ação na juticultura, procurando investir verbas mais condizentes com a importância do produto para a economia da região. No entanto, e acima de tudo, é de aceitar a necessidade de se levar o financiamento ao produtor, quebrando um pouco as exigências regimentais dos estabelecimentos de crédito, uma vez que, provavelmente, as mesmas não podem funcionar na Amazônia, com raras exceções, independentemente de uma estreita harmonização com as condições sócio-ecológicas que caracterizam a região.

Industrializar a juta na própria região. Há muito que ambicionávamos a industrialização de juta em nossa região. Não obstante, como fase introdutória, ainda irmos consumir apenas 20% de nossa produção, já vemos este sonho ser concretizado através da instalação da mais moderna Indústria de Fiação e Tecelagem do Brasil e quiçá do mundo. Trata-se da Companhia Textil da Amazônia (CATA), ora em fase de instalação, com maquinária ultra moderna e adaptações de primeira linha, e que em breve estará funcionando para orgulho do homem da Amazônia. Temos certeza, que outras indústrias deverão surgir, estimulando cada vez mais nossa produção, abrindo caminhos para novos mercados e o que é mais importante deixaremos de ceder matéria-prima, em sua totalidades, a outros centros, evitando que continue acontecendo o que se faz atualmente, manda-se a fibra e posteriormente adquirimos o produto beneficiado, por um preço muito elevado, quase aquém de nosso poder aquisitivo, encarecidos quando da comercialização do produto, face as despesas elevadas de transporte, incidência dos impostos.

Ainda convém frisar que a implantação dessa indústria, além dos benefícios acima citados ainda concorrerão para, não só entregar como qualificar nossa mão de obra, aprimorando cada vez mais o nosso povo, o que sem dúvida alguma é uma das grandes necessidades para atender a luta que travamos, com intuito de aumentar a nossa renda per capita e sair do sub-desenvolvimento que nos encontramos.

MERCADO NACIONAL

O mercado nacional da juta apresenta perspectivas auspiciosas. Anualmente, não obstante o aumento de nossa produção, sempre o parque paulista maior consumidor de nossa fibra, ameaça importá-las da Índia, alegando necessidade de matéria-prima. Entretanto, graças às safras regulares que temos, quase sempre quando surge este problema coincide com a época do início de nova safra na região.

Não há dúvida que, considerando o nosso incremento demográfico bem como a luta que travamos para sair da fase de País menos desenvolvido, procurando a todo momento, substituir nossas importações e lutando pela conquista de novos mercados, através dos produtos que já são auto-suficientes para o nosso consumo com o excedente possível de exportar, a demanda de sacarias, para atender o transporte desses bens, deverá ter uma escola ascendente, que irá sem dúvida depender de nossa produção. Outra alternativa prende-se a necessidade de cada vez mais procurar-se diversificar a utilização da juta. Assim, da produção de sacos, corda e vestimentos grosseiros, é possível associar à juta à outra fibra, no sentido de se obter fabricação de plásticos, tapetes, etc.

PERSPECTIVAS PARA EXPORTAÇÃO

Mesmo lutando com uma série de fatores adversos, verificamos que nossa produção de fibras para sacaria é suficiente para o abastecimento do mercado nacional. Se no futuro, resolvemos atentar no sentido de traçar uma política séria para a jiticultura amazônica, é certo que iremos superar as nossas necessidades de consumo, parecendo que vamos nos deparar com um excedente de produção, o que sem dúvida alguma, sendo um produto de boa qualidade, poderemos ter a vista voltada para a conquista de novos mercados e assim nos tornarmos um País exportador de fibras.

CONCLUSÕES

Fora de qualquer dúvida, a ausência de racionalização das técnicas culturais influi grandemente na quantidade e qualidade das atuais safras da juta amazônica. No entanto, de nada valerá insistir-se sobre esta racionalização se fôr esquecido o estímulo econômico. Para se estimular economicamente não basta, no entanto, que se eleve o preço mínimo da juta — por sinal bastante deficitário na atualidade — pois disto resultaria possivelmente, tão somente o acréscimo da quantidade. Torna-se também necessário pagar melhor por uma juta melhor, de modo a induzir o juiticultor a produzir fibras de melhor qualidade.

Constituir-se-á em problema insolúvel a aparente deficiência qualitativa das atuais safras de juta? Não. Na atualidade amazônica os compradores de juta, em geral donos de prensa ou comerciantes das localidades, pagam o produto pelo pêsso, a preço único, independente de classificação, de modo que os lavradores são induzidos, inconscientemente ou não, a uma errônea compreensão dos fatos, visando somente a quantidade do produto, para isso retardando o corte, não eliminando o pé da fibra, entregando a juta com excesso de umidade, com partes ainda de lenho e outros defeitos que contribuem para a desclassificação. Vê-se pois, que se torna necessário neutralizar certas causas que, embora estranhas as técnicas culturais, vêm concorrendo grandemente para a atual deficiência da classificação da juta amazônica. Pelo que se nota, não se trata de problema insolúvel. Sua resolução reside, antes de tudo, em *pagar melhor por juta melhor*. Isto feito, mais fácil será provar que a qualidade do produto depende das técnicas culturais.

REFERÊNCIAS

- Cosme, F. 1961. Amazônia em novas dimensões.
 Libonati, L. P. 1958. A juta na Amazônia.
 Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia 1961. Política de Desenvolvimento da Amazônia.

ACTUAL PROBLEMS OF AMAZONIC JITICULTURE

Abstract

In this work the authors stated the present problems that hamper the development of the jute in the Amazon, pointing out the great importance of this tiliacea as a source of supplying the internal Brazilian market with the necessary raw material in order to cover the demand of the national industry of fibres.

The problems considered in this work were as follows: 1) the agricultural problem, 2) social and economic problems.

It was briefly stated as well the situation of the national market and its possibilities of exportation.

As a conclusion, the authors admitted the urgent need of stimulating economically the jute cultivator, so that it can be shown later on that the volume and quality of the product depend mostly on technological and agricultural problems.